

Festejos juninos e os ritos de origem agrária

OSVALDO MEIRA TRIGUEIRO

(Pesquisador da cultura popular - Vice-presidente da Comissão Estadual de Folclore)

No mês de junho, ocorre uma das festas mais tradicionais do catolicismo popular em todo o Brasil, especialmente na região nordestina. São as festas do ciclo junino, em homenagem aos três santos: Santo Antônio, comemorado no dia 13; São João Batista, no dia 24; e São Pedro, no dia 29. A noite de São João é, sem dúvida, a mais festejada.

A celebração dessas festas tem a sua origem na tradição pagã dos povos da Europa, Ásia e África, que festejavam as divindades protetoras da fertilidade e da colheita quando se aproximava a chegada do verão no Hemisfério Norte e que foram transportadas para o calendário católico¹.

Não é apenas uma coincidência a data hagiográfica dos festejos juninos. Os antigos rituais agrários, no Velho Mundo, por ocasião do solstício de verão, que ocorre entre os dias 22 e 23 de junho, marcavam o início da colheita dos cereais. A relação do homem com a terra era muito forte e os ritos de fertilidade do plantio estavam também associados à fertilidade humana. Plantar e colher era mais que um ato profano. BENJAMIN afirma: *"A Igreja Católica situou a festa de São João nas proximidades da mudança de estação (solstício de verão) procurando absorver os cultos agrários pagãos. Para a hierarquia da igreja a festa de São João constitui uma antecipação do anúncio do Advento, considerando o papel de João Batista, como precursor de Cristo."*²

As práticas de antigas hierofanias em homenagem ao sol de verão pelos povos da Europa estão incorporadas nos vários sistemas religiosos da atualidade. Passaram pelos tempos e chegam de formas diferentes, mas conservando suas arcaicas manifestações que são representadas no nosso folclore.

Os rituais de celebração dos povos antigos da Europa, para demonstrarem o seu amor pelas colheitas, que ocorriam no período do final do inverno e início do verão, que nós aqui denominamos de "o mês de São João",

eram verdadeiras lutas entre as forças do bem contra as do mal.

Neste período os andarilhos do bem (*benandanti*) saíam armados com galhos de erva-doce e alho para enfrentar os feiticeiros e as bruxas que com suas pragas ameaçavam a colheita de cereais. O desenrolar da batalha entre essas forças simbolizava a passagem da estação invernososa para a do verão e caso o bem fosse vencido o ano seria de muita fome, doenças e miséria. Quando os *benandanti* venciam a contenda o ano era de fartura. Eram festividades de origem pagã ligadas ao calendário agrário e que foram sendo passadas ao longo dos tempos para o calendário cristão, sendo difundido em toda a civilização da Europa e trazidas para o Brasil pelos portugueses. Diz GINZBURG que *"o contraste entre combater 'por amor da colheitas' e combater 'pela fé cristã' é gritante. Nessa religiosidade popular tão compósita, formada por contribuições variadíssimas, tal sincronismo certamente não chega a provocar espanto. Mas somos levados a indagar o porquê dessa cristianização dos ritos agrários praticados pelos benandanti."* Esses rituais praticados pelos andarilhos do bem (*benandanti*) foram proibidos pela igreja e os seus praticantes sujeitos ao julgamento da Inquisição³.

No Nordeste, as festas juninas estão diretamente vinculadas ao início da colheita do milho. As suas características de origem rural vêm se mantendo apesar da influência que recebem do meio urbano. Com a apropriação pela indústria cultural das tradições populares, as festas juninas ganharam uma nova dimensão e passam por transformações para adequar-se a esta nova realidade sócio-cultural.

O culto ao fogo está cada vez mais presente nos festejos juninos, não ficando apenas limitado à roda em volta da fogueira, mas aos sofisticados espetáculos pirotécnicos. As adivinhações ganham programas especiais na informática e se compram as comidas de milho em supermercados, casas de congelados ou "disk pamonha". As quadrilhas com suas inovações deixam de lado o cenário de matutos desdentados, com roupas remendadas e chapéus de palha rasgados para mostrar luxo e beleza, com coreografias ensaiadas e incorporando novos passos, até mesmo de aeróbica. O enredo atualizado da parte dramática de encenação do "casamento mulato" é também uma inovação. Acho que a quadrilha está em processo de transição, ou seja, deixando de ser uma dança para estruturar-se como folgado.

As tradições dos festejos juninos como superstições, adivinhações, crenças, agouros, fogueiras, danças e comidas típicas representam, nos seus

tempos e espaços, passados que estão no nosso imaginário e que continuam sendo representados nos dias atuais.

Em Campina Grande, temos o "Maior São João do Mundo", e "Caruaru, a Capital do Forró", onde se degusta o "maior cuscuz do mundo". As duas cidades, nesta época do ano, se enfeitam com elementos característicos do meio rural cujo objetivo é criar uma clima de São João. Por outro lado continuam os festejos juninos sem os sofisticados preparatórios exigidos pela indústria cultural. O São João do "pé de serra", do "forrobodó" das periferias dos centros urbanos e organizados espontaneamente pela comunidade.

Continuar não distinguindo o tradicional do antigo e modernidade do que é atual, é querer parar no tempo. Modernidade não significa atualidade e muito menos antigüidade significa necessariamente tradição. *"Anti-güidade e atualidade designam recortes cronológicos no desenrolar da história humana, ao passo que tradição e modernidade designam representações do mundo que encontramos em qualquer época histórica."*⁴

O importante é o acompanhamento da evolução dos fatos culturais sem perder o rumo da história e das novas tecnologias. A indústria cultural constrói suas bases estruturada naquilo que chamamos de "está na alma do povo", no mundo dualista do trabalho e do não trabalho, do profano e do sagrado e dos ritos de passagem. Os povos antigos antes da cristianização festejavam a passagem dos quatro tempos do mundo com rituais em que o profano se misturava com o sagrado. As práticas ao culto do fogo, as superstições, crenças e tantas outras manifestações ligadas ao calendário agrário tinham no solstício (23 de junho) e no equinócio (23 de setembro) datas importantes para a compreensão do mundo e suas relações com as divindades protetoras da fertilidade da terra e dos homens. Com a difusão do cristianismo temos estas relações estabelecidas com o nosso Ser soberano.

O ciclo junino se caracteriza pelas suas danças e músicas, comidas típicas da época, os coloridos dos balões e bandeirolas, pela demonstração de fé aos três santos e pela participação dos jovens. Neste aspecto é importante ressaltar que os festejos juninos proporcionam uma oportunidade de sociabilidade entre os adolescentes e jovens. A participação dos adolescentes e jovens nos festejos juninos não serão uma reminiscência dos antigos ritos de fertilidade humana, que estavam associados aos ritos de fertilidade da terra. *Viva São João.*

Notas

- 1 Ver TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. *Cartilha paraibana*: aspectos geo-históricos e folclóricos. João Pessoa: Grafset, 1993.
- 2 Ver BENJAMIN, Roberto. *Ciclo junino*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1987.
- 3 Ver GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem*: feitiçaria e cultos agrários no século XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- 4 Ver RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura*: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editora Presença, 1993.